



A armadilha

Alexandre Santos

Escrito em 2007, o conto, que integra a trilogia 'A armadilha tecnológica', relata uma das versões do desfecho do triângulo amoroso vivido por Barbara, Raquel e Pedro Henrique.

Depois de muita luta, ele subiu na vida. Trabalho, trabalho e mais trabalho foi a receita seguida por Pedro Henrique, que, depois de muitos anos como vendedor autônomo, abriu a própria empresa e, desde então, começou a ganhar muito dinheiro. Como novo rico, cercou-se de confortos e precauções. Na mansão de três níveis, além de piscina, churrasqueira e sauna, um circuito interno de TV, segurança armada, blindagem nos três carros e, por insistência de Raquel, a esposa insegura, uma parafernália tecnológica que incluía até um sistema GPS. Se não fosse o ciúme sufocante de Raquel, a vida de Pedro Henrique estaria ótima. Saúde, negócios, dinheiro e, para completar, o reencontro inesperado com Bárbara, a antiga namorada da qual se afastara quando fez a opção de manter o casamento. Não era o pensava Raquel, pois, sempre cheio de compromissos, Pedro Henrique se dedicava pouco a ela, tornando-lhe a vida, embora confortável e segura, um inferno insípido. Recolhida a monotonia do lar, Raquel passou a valorizar cada vez mais os raros momentos passados com o marido, desenvolvendo, sem perceber, um ciúme doentio. Em seu imaginário de fêmea ameaçada, Raquel concluiu que a razão da apatia do marido era uma tal Amanda, a secretária loira, de cabelos longos, voz meiga, rostinho bonito e corpo sarado. “Se pegar, eu mato”, ameaçava diariamente ao se despedir do marido na porta do carro blindado.

Se antes, sufocado pelo assédio da esposa e seduzido pelo vício de ganhar dinheiro, passava pouco tempo em casa, agora, com o reencontro com Bárbara, Pedro Henrique praticamente só via Raquel no café da manhã, quando recebia sua carga diária de ameaças. Passava o resto do dia, perdido em negócios sem fim e telefonemas sussurrados à antiga namorada, tentando convencê-la a lhe dar mais uma oportunidade. No começo, Bárbara jogou duro. Ainda humilhada pela forma como ocorrera a separação há alguns anos, Bárbara resistiu ao assédio, valorizando ao máximo a reaproximação que tanto desejava. Cinco dias e quinhentos telefonemas depois, Bárbara cedeu e aceitou conversar com Pedro Henrique pessoalmente. “Só conversar”, avisou. No fundo, tanto Bárbara, que conhecia a natureza do antigo namorado, como Pedro Henrique, que conhecia a natureza da antiga namorada, sabiam que aquele encontro significava a retomada da relação apaixonada que fora quebrada mais por falta de coragem dele do que por falta de amor dela.

Disposto a não perder a nova chance com Bárbara, Pedro Henrique resolveu caprichar. No começo da tarde, reservou uma mesa discreta no Costa do Sol, o mais refinado restaurante da Zona Sul, e, passando os detalhes necessários, pediu a Amanda que providenciasse a entrega de flores vermelhas a Bárbara. No início da noite, contrariando o costume dos últimos tempos, excitado como nunca, correu para casa e, evitando os beijos

fora de hora de Raquel, cantarolou como nunca em meio a um longo banho. Meia hora mais tarde, todo perfumado, Pedro Henrique saiu para um 'jantar de negócios'.

Com o testemunho de uma única mesa ocupada, Pedro Henrique viu quando Bárbara chegou ao restaurante e, comprovando seus sonhos, confirmou que o tempo não conseguira apagar o sorriso radiante, nem esmaecer a beleza peculiar que fazia dela uma mulher única. Naquele momento, para ele, fora a antiga namorada, nada mais existia sobre a face da Terra. De sua parte, atraída pelo brilho que faiscava do olhar de Pedro Henrique, Bárbara percebeu que nada mudara a mágica e a química que sempre houvera entre eles. O primeiro momento foi de energia pura. Enlouquecido pela presença da mulher que queria, Pedro Henrique não precisou mentir para falar da saudade que sentia dos "tempos mais felizes que já vivera na vida" e das dificuldades que seu casamento passava. Mesmo assim, Bárbara fez o jogo duro que as mulheres sabem fazer e, ainda que admitindo a paixão e o amor renovados, deixou claro que não aceitaria voltar à antiga posição de amante. Mas a barreira inexpugnável que dizia ser não resistiu muito tempo. Inebriada pelo magnetismo de Pedro Henrique, pelo vinho, pelo aroma das flores que recebera e pelas próprias vontades, Bárbara cedeu e, aos pouquinhos, surgiram carinhos e beijinhos que logo se transformaram em amassos apaixonados.

Estavam tão entretidos um com o outro que não viram quando, em meio a um grito de ódio, Raquel entrou no restaurante. "Filho da puta", a esposa enlouquecida correu para o casal. O baile foi grande. Pouco se lixando para as pessoas que estavam na casa e um pouco surpresa por não ver a secretária Amanda, Raquel destilou toda a raiva na mulher que tentava roubar-lhe o marido. Bárbara, que não estava habituada àquele tipo de coisa, baixou os olhos e, sem qualquer reação, ouviu a tudo calada. Depois de um curto momento de letargia, após um "daqui a pouco eu volto" dirigido à antiga namorada, Pedro Henrique levantou-se e, se esquivando dos copos que lhe eram arremessados, conseguiu conter a esposa num abraço. "Vamos embora daqui, sua louca", disse-lhe o marido em voz baixa, arrastando-a para o carro.

Completamente desvairada, Raquel não parou o espetáculo histérico até ser, praticamente, jogada no banco dianteiro do carro. Antes de voltar para casa, onde esperava ter uma conversa definitiva com a maluca com quem estava casado, Pedro Henrique ainda precisou acalmar o motorista que, meio sem jeito, insistia em cobrar a corrida do táxi da Raquel. Ao receber o dinheiro, o motorista olhou para Pedro Henrique e, com uma piscadela cúmplice, apontou para a caixinha presa sob a direção do carro: "Da próxima vez, amigo, desligue o GPS". Só então, arrependido das cautelas tecnológicas que tomara em nome da segurança, Pedro Henrique descobriu como tinha sido achado pela esposa.

(*) Alexandre Santos é presidente da Academia de Letras e Artes do Nordeste